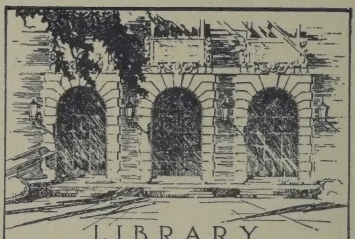


LIBRARY
OF THE
UNIVERSITY
OF ILLINOIS

920.081
N53v
v.4

MARIA NICOLAS

Do Centro de Letras do Paraná, da Academia de Letras José de Alencar, da Ala Feminina da Casa Juvenil Galeno e da Academia Universale Inventori, Autori di Roma.

Vultos Paranaenses

4.º Volume

1966

CURITIBA - PARANÁ

MARIA NICOLAS

Do Centro de Letras do Paraná, da Academia de Letras José de Alencar, da Ala Feminina da Casa Juvenil Galeno e da Academia Universale Inventori, Autori di Roma.

Vultos Paranaenses

4.º Volume

1966

CURITIBA - PARANÁ

À guisa de Prefácio reproduzimos pensamentos exarados pelo Autor do livro "HOMENS QUE FIZERAM O BRASIL" e que combinam exatamente com o nosso modo de pensar.

"... Belo traço feminino êsse, de se colocar ao lado do espôso, como verdadeira ajudadora — o que foi, aliás, a razão pela qual Deus criou a mulher.

Está nas mãos da espôsa concorrer para que o marido se torne uma personalidade ilustre, ou desapareça no anonimato de uma vida incolor, sem expressão, nem utilidade ao próximo".

Luiz Waldvogel

E, nós acrescentamos — Tôda mulher deve procurar instruir-se, pois a Mãe que é dotada ao menos de cultura geral, melhor e mais acertadamente guiará seus filhos e governará o seu lar sob o signo do amor, da compreensão e da tolerância.

A AUTORA

Curitiba, 1960.

À saudosa

D. Mirazinha

homenagem da

Maria.

ABIGAIL CÔRTES

A professôra ABIGAIL CÔRTES nasceu na Lapa, a 1.º de novembro de 1889.

Era filha de Manoel Euphrásio de Siqueira Côrtes e de d.ª Maria da Glória Saboia Côrtes.

Fêz os estudos primários na cidade natal. Em Curitiba, diplomou-se professôra, no ano de 1909.

Exerceu com brilhantismo o magistério primário desde a sua formatura até o ano de 1939.

Trinta anos, portanto, de lides educacionais. No referido ano, nomearam-na diretora do Grupo Escolar

"Manoel Pedro", donde só se afastou, já bem doente para transportar-se para o outro lado da vida.

Ativa e inteligente, Abigail Côrtes era figura obrigatória em tôdas as festividades, quer de caráter cívico, quer de caráter religioso ou filantrópico, ocasiões em que se fazia ouvir em belo verbo de ouro. Era, como se costuma dizer: a alma dêsses movimentos.

Amando o seu torrão natal como patriota sincera, fundou a Cooperativa "Mestre Ponciano", anexa ao Grupo Escolar, onde labutava; a Biblioteca Escolar; o Posto de Puericultura "Dr. Aloisio Leoni", 1945; a Maternidade "N. S. da Luz", 1944; o Ginásio "General Carneiro".

Exerceu ainda, os cargos de professôra da Escola Regimental do Batalhão, sediado na Lapa e de inspetora auxiliar do Ensino.

Chefe compreensiva e boa. Alma cristalina. Professôra, a primeira normalista de sua cidade, era daquelas que sabem que o magistério primário "é missão, não profissão".

Faleceu a batalhadora pelas nobres causas, a 23 de outubro de 1947, em Curitiba, para onde se dirigira em busca de lenitivo para a sua saúde.

ADA M. BRUNO LÔBO

A professôra ADA MACAGGI BRUNO LÔBO nasceu em Paranguá, a 29 de maio de 1906.

Era filha de Narcizo Macaggi e de d.ª Maria Paiva Macaggi.

Fêz o curso primário em escolas de sua cidade natal. Na Escola Normal de Curitiba, diplomou-se professôra. Colou grau em 1924.

Exerceu o magistério na cidade litoreana do seu nascimento. Mais tarde mudou-se para o Rio, onde faleceu.

Dedicou-se ao bel canto. Acompanhava-se ao violão que tão bem dedilhava. Tocava, também, piano, sendo perfeita executante.

Dotada de melodiosa voz, tomou parte em muitos festivais realizados não só em Curitiba, como na Capital Federal.

Publicou o precioso livro de poesias — "Vozes efêmeras", 1927 e "Taça", contos, 1933, aquêle em Curitiba, êste no Rio.

ADELINA C. PINHEIRO

ADELINA CARRIEL PINHEIRO era filha de José Pedro Carriel e de d.ª Philomena Mendes Carriel.

Nasceu a 16 de fevereiro de 1890, em Curitiba.

Estudou sòmente na escola primária. Inteligência de escol, por meio de boas leituras tomou gôsto pela poesia, chegando a rimar com perfeição.

Adelina Carriel Pinheiro obteve o primeiro prêmio num concurso promovido pelo Centro de Letras do Paraná, concurso êsse com inscrição só para senhoras e senhoritas e o 1.º lugar no concurso literário realizado pela Revista dos "Grandes Hoteis", do Rio de Janeiro.

Não só se dedicou à poesia, como, também, ao conto. Infelizmente, porém, não reuniu em volumes as suas belas páginas literárias.

Adelina era boa e de hábitos simples. Viveu para o lar e para a literatura.

Colaborou no "Diário da Tarde", "Comércio do Paraná", "Estado do Paraná" e "O Globo", todos periódicos curitibanos.

ALAYDE TURECK

ALAYDE CAMARGO TURECK, jovem culta, cuja simpatia cativava ao primeiro contacto, nasceu em Jaguariaiva, a 10 de dezembro de 1919.

Era filha do Engenheiro Arquiteto Miguel Tureck e da Prof.ª Francisca de Castro Mendes Camargo Tureck.

Fêz os estudos primários na aprazível Jaguariaiva, e o secundário em Ponta Grossa, diplomando-se professôra e, em Curitiba, recebeu o grau de bacharel em Geografia e História pela Faculdade de Ciências e Le-

tras da Universidade do Paraná, no ano de 1948 e Licenciada a 8 de dezembro de 1949.

Alayde exerceu o magistério primário no Grupo Escolar "Dr. Sebastião Paraná", de Wenceslau Braz; Grupo Escolar do Bacacheri e Curso Noturno do Grupo "Dr. Xavier da Silva", ambos de Curitiba.

No Instituto de Educação exerceu o cargo de professôra de nível secundário, tendo sido nomeada por concurso em 1953.

Prosadora de estílo suave, publicou vários trabalhos, dentre êles "Pélego Interior", muito bem aceito pela crítica. Como declamadora dava vida às poesias, magnìficamente interpretadas.

Pertenceu ao Centro de Letras do Paraná, ao Centro Feminino de Cultura e era secretaria do Clube Soroptimista de Curitiba.

Mestra insigne e talentosa prosadora, Alayde era dona de belo coração.

Ainda moça deixou seus entes queridos na desolação da eterna separação, que se deu a 13 de janeiro de 1963, em Curitiba.

ALBA G. PLAISANT

A professôra ALBA GUIMARÃES PLAISANT nasceu a 27 de julho de 1900 em Curitiba.

Era filha de Manoel Guimarães Netto e de d.ª Francisca da Costa e Silva Guimarães.

Estudou as letras primárias na cidade nativa, matriculando-se a seguir na Escola Normal. Bem jovem recebeu o diploma de professôra.

Foi mestra por vocação.

Labutou em várias escolas até atingir a direção do Grupo Escolar Tiradentes e Escola Intermediária, anexa ao Grupo, depois do falecimento da titular, professôra Júlia Wanderley Petriche.

Alba Guimarães, mestra assídua e dedicada. Enérgica, porém justa e boa.

Por questão política teve de abandonar o cargo que tão dìgnamente exercia. Mudou-se, em companhia do espôso, para o Rio de Janeiro. Infelizmente, porém, seu marido enfermara gravemente. Ela, qual heroina, empregou-se na Universidade do Paraná, a fim de manter-se, a si, às suas filhas e ao espôso, impossibilitado de trabalhar.

Faleceu a distinta educadora, a 28 de outubro de 1932, deixando uma lacuna no magistério que, dificilmente, será preenchida.

ALDA SILVA

A professôra ALDA SILVA era filha do prof. Albino José da Silva e de d.ª Rosa Loyola da Silva.

Nasceu a 26 de dezembro de 1887 em Curitiba.

Fêz o curso primário na Escola "Santos Dumont", sob a direção da saudosa educadora Marianna Coelho, após o que se matriculou na Escola Normal. Diplomou-se professôra normalista, tendo sido aluna distinta, tanto em aplicação aos estudos, como em comportamento.

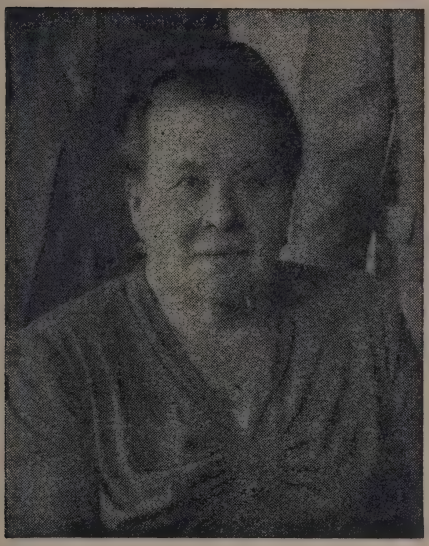
Dedicou-se, exclusivamente ao magistério público, tendo também lecionado, particularmente, preparatoriandos ao Ginásio e à referida Escola Normal.

Modesta, boa e muito amiga da sua escola e dos seus alunos.

Ao falecer-lhe a mãe, sua companheira dileta, entregou-se de corpo e alma à religião católica. Sua vida, a partir dessa data, resumiu-se a trabalhar na igreja "Bom Jesús", principalmente, só indo à casa para o repouso noturno.

Poetisa e prosadora, pertenceu ao Centro de Letras do Paraná, como sócia fundadora.

Faleceu a 30 de maio de 1959, no Rio de Janeiro.



ÂNGELA LOPES

Dona Ângela Ferrário Lopes era filha de Ângelo Ferrário e de dona Maria da Glória Cordeiro.

Nasceu em Campo Largo a 13 de agôsto de 1880 e faleceu em Curitiba, a 18 de outubro de 1962.

Durante sua meninice e adolescência, estudou com o renomado professor José Cupertino da Silva, proprietário e diretor do Colégio São José.

Tendo de acompanhar o espôso, sr. Vicente Lopes que trabalhava no interior, dona Ângela foi nomeada professôra da escola mista de Guarauninha, município

de Palmeira, 1905. Em 1925, removeram-na para o Grupo Escolar "Jesuino Marcondes", dessa cidade, tendo dona Ângela desempenhado o cargo de diretora dessa casa de ensino, até a sua aposentadoria que se deu em 1929.

Para se tornar professôra efetiva prestou exame de suficiência, conquistando boa classificação.

Dona Ângela foi das professôras que bem souberam conciliar o dever de espôsa e mãe com o de mestra. Carinhosa, meiga, mimava em seus braços até adormecer os pequeninos de tenra idade, pois naquêles longínquos tempos, não havia nem programa, nem horário oficiais, de modo que, eram as professôras, obrigadas a fim de bem viver com os pais dos alunos, a aceitar as crianças que não haviam atingido a idade escolar, como também viam-se obrigada a matricular alunos, moços ou moças, a fim de aproveitarem a primeira mestra que surgiu nos seus pagos.

Esta página constitue preito de saudade à extraordinária bondade e compreensão da ilustre mestra dona Ângela Ferrário Lopes.

AMÉLIA CARVALHO

D.ª AMÉLIA AUGUSTA RIBEIRO CARVALHO DE OLIVEIRA nasceu em Curitiba, a 7 de julho.

Era filha de João Baptista Ribeiro e de d.ª Tibúrcia de Freitas Ferreira, tendo casado com o farmaceutico Francisco Carvalho de Oliveira e era mãe do poeta João Baptista Carvalho Oliveira (Rodrigo Júnior) príncipe dos poetas paranaenses.

Dotada de fina educação, estudou com mestres particulares, adquirindo cultura geral. Com o Maestro

Bento Menezes estudou piano. Era exímia executante e compôs uma valsa que foi publicada na revista "Ôlho da Rua", de Curitiba.

Senhora dotada de raras qualidades, conservara eterna a mocidade. Sentia-se feliz em hospedar os incipientes poetas que procuravam seu filho, a fim de receber lições sôbre métrificação. Não raro oferecia-lhes gostoso e variado lanche, estimulando os futuros poetas, com os quais mantinha animadas e prolongadas palestras. E como eram adoráveis aquelas reuniões em que a bondosa e risonha anfitriã, mais parecia uma jovem que a sra. de cabelos brancos, tão longos que ultrapassavam a barra de sua saia, e esta beirava o chão! Era a dona dos cabelos mais compridos de Curitiba e, quiçá, do Brasil. Por êsse motivo figurou em procissões, encarnando Santa Verônica.

ANNA BEJA

ANNA BEJA era filha de Antonio Machado Ribeiro.

Possuida de ardente fé religiosa, humilde e simples, a sua atividade é um exemplo de dedicação e perseverança.

Vejamos quanto pode a fôrça de vontade bem orientada: Anna Beja, viuva e contando sessenta anos, desejou erigir uma capela onde fôsse venerada a santa de sua devoção — Nossa Senhora dos Remédios.

Não possuia recursos, mas sobravam-lhe fôrça de vontade e energia férrea. Portanto, não via, a esforçada senhora, obstáculo à realização de sua obra.

Conseguiu que um irmão seu doasse 500 braças quadradas de chão, para a ereção da capela. De posse do terreno, montou a cavalo e partiu em busca de recursos para a consecução do seu plano. Por meio de

esmolas, adquiriu pequeno capital, varejando, intrèpidamente o sertão, enfestado de índios selvagens. Percorreu todos os recantos dos municípios de Ponta Grossa e Castro. Deu, então, início à construção da igreja.

"Chegando à sua casa, Anna não descansava das fatigantes peregrinações: punha-se em ação, ora dirigindo as obras, ora alimentando operários, ora ajudando, pessoalmente".

À medida que os trabalhos progrediam, os parcos recursos iam-se esgotando. A impávida anciã não esmorecia, porém: novamente cavalgava, saindo sertão a fora, a esmolar para a sua Santa. Recolhidos os novos donativos, regressava. Mas, era tão pouco o que ela recebia que logo a destemida mulher tinha de retornar à peregrinação, atravez das matas mal seguras. Findas essas estafantes viagens, pronta a igreja, faltava o padre.

Anna Beja, não vacilou. Sendo o povoado paupérrimo não poderia manter um pároco. Recorreu ela aos bons ofícios do Barão de Antonina. Êle atendeu-a. Pouco tempo depois chegava ao Tibagí, frei Gaudêncio de Gênova, o primeiro cura da Igreja dos Remédios. Vinha êsse religioso encarregado de cuidar da catequese dos índios ferozes que infestavam aquela região. A essa altura, Anna Beja sentia-se feliz e satisfeita com a missão cumprida. Fôra povoadora e fundadora da aprazível cidade de Tibagí, situada às margens do rio que lhe deu o nome.

Que tal se jovens, nossas patrícias, imitassem a valorosa sexagenária, não na fundação de cidade, mas em obras de assistência social ?

ANNA DE TAMANDUÁ

Esta senhora que faleceu quasi centenária, fêz-se digna de consideração e aprêço pela hospitalidade que

dava às personagens mais graduadas da Província, quando de passagem pela capela do Tamanduá, onde residiu, de 1835 a 1840. Mudando-se para S. João do Triunfo, continuou procedendo do mesmo modo.

Há de parecer a alguém, menos avisado que o gesto de d.ª Anna não passava de puro "chaleirismo". Não. Não era assim. Qualquer um que batesse à sua porta, era atendido em suas necessidades por d.ª Anna. Mas aquelas pessoas, altamente graduadas, eram convidadas a virem à sua casa, porque não havia no local hospedaria ou algo semelhante para acomodar essas pessoas, o que era, a nosso ver, mui justo. Sempre se sabe quando uma personagem importante chega à nossa terra, mas os pobres como poderemos saber quando aportam, quando chegam ou se são necessitados, infelizes ?

E' pois d.ª Anna Tamanduá digna de ser lembrada nesta modesta obra que, sem cor política ou religiosa procura trazer até nossos dias aquêles que, de uma forma ou de outra realizaram algo em benefício da coletividade a par da labuta diária para a conquista do pão de cada dia.

Não procederam como os que, nem ao menos se lembram, que bem poderiam dedicar-se a visitar enfermos pobres, levando-lhes o confôrto de sua solidariedade afetiva ou material

---

ANNA MENDES TENÓRIA

ANA MENDES TENÓRIA era espôsa de Manoel da Costa Ferreira que se haviam estabelecido em terras, onde se acha hoje a cidade de Piraí.

Em meados do século XVIII os habitantes das povoações Piraí, Lança, Fundão, Tronco, Espalha Brasas etc., resolveram erigir uma capela, onde pudessem assistir ao culto divino.

Anna Mendes de acôrdo com o espôso, dispos-se a construir uma capela para Santa Anna. Mandaram lavrar escritura, em 8 de abril de 1750, doando meia légua de chão, no local denominado Campo Comprido, além do rio Piraí, várias cabeças de novilhas e alguns touros para o templo que aspiravam construir de colaboração com os vizinhos, porém sob a condição de que, caso não fôsse construida a casa de Deus, a doação ficaria sem efeito.

O entusiasmo e a fé de Anna Mendes jámais esmoreceram e, em pouco tempo, eis que, singela ermida surgiu na imensidão dos campos. Seu espôso mandou vir a imagem da Santa Padroeira, alfaias, paramentos necessários ao culto divino.

Impiedosa "Parcas" visitou-a, quando a caridosa e boa senhora consagrava os seus últimos dias à realização do seu desejo cívico e religioso. Cívico porque a ereção de capelas davam em resultado a criação de novas freguesias.

Mortos os fundadores e protetores, a igreja foi à decadência. Os seus pertences passaram às mãos de particulares. E dizem que não se acaba a guerra por morrer um soldado...

Quando o padre visitador Manoel Villela Francisco, vigário de Santos, lá esteve, ordenou que todos os objetos sagrados fôssem enviados à matriz de Curitiba, a fim de serem guardados. Resta saber se a ordem foi cumprida...

ANNA MARIA DA CONCEIÇÃO DE SÁ

Esta página é dedicada à tôda mulher, que veja na vida de d.ª ANNA MARIA DA CONCEIÇÃO DE SÁ um exemplo de quem soube compreender a sua missão de espôsa e mãe, tornando-se a companheira ideal das horas amargas, por que passou o espôso.

D.ª ANNA MARIA era espôsa do tenente Manoel José de Araujo, avós maternos do conselheiro Jesuino Marcondes. O tenente Manoel fôra sempre um homem probo, cumpridor dos seus deveres e muito caridoso.

Exemplar chefe de família e espôso dedicadíssimo.

Fizera a vida comerciando com gado. Certa feita apareceram em sua fazenda uns "negociantes" mal intencionados que induziram o tenente a realizar a compra de um grande lote de animais. Na sua boa fé, um dos traços predominantes do seu caráter, Manoel José não desconfiou de nada. Em vão a espôsa, d.ª Anna Maria aconselhava-o a ser prudente, pois êle, com a realização dêsse negócio, punha em jôgo tudo o que lhe pertencia.

Mas êle tinha, pelo caráter, de confiar nos outros, como todos confiavam nêle e o negócio foi feito.

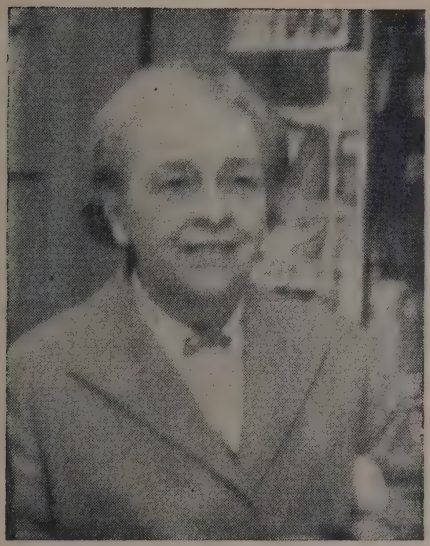
Aconteceu, porém, que os animais traziam o germe de mortífera epizootia, reinante, nessa ocasião, pelas redondezas. O resultado foi o mais desastroso possível. Endividou-se Manoel José de maneira a não poder saldar os seus débitos, senão entregando tudo quanto possuia, para não perder a honra. Êsse desastre abalou-lhe sèriamente a saúde.

Dotada de ânimo forte, a companheira de sua vida, d.ª Anna Maria, achava-se a seu lado.

Com os belos dotes de resistência que a distinguiam, manteve sempre a casa com economia e em constante trabalho. Agora que ela compreendia a extensão do estado financeiro reinante em seu lar, desdobrou-se em atividade. Além dos afazeres domésticos, entendeu-se com os pecuaristas, assumindo a responsabilidade dos débitos. "Passou a dirigir os labores da família em todos os sentidos: na criação do gado; no plantio e colheita das roças; na lavoura do trigo; na fabricação dos laticínios; e, alongando os serões, fabricavam baixeiros, coxonilhos, rendas finas de bilro e até cigarros, foi ràpidamente aumentando a produção rendosa da fazenda, destinada a ser vendida, em grande parte em S. Paulo, por intermédio de um parente cônego, que lá vivia".

Com tais dobrados esforços, realizados com amor e carinho, os pagamentos das prestações foram efetuados em dias exatos e, em pouco tempo, estava saldada a dívida e a casa recomeçava "sua marcha para a prosperidade". Não fôra a indômita bravura daquela admirável mulher, d.ª Anna Maria da Conceição de Sá, heroina anônima que tão bem soube ser a companheira dos bons e dos maus momentos e, quiçá, tempestade moral desabasse sôbre seu tão feliz, quão harmonioso e honrado lar.

Mulheres como d.ª Anna Maria da Conceição de Sá são os modelos das verdadeiras espôsas, a quem tudo devem os homens que lutam para obter um futuro de independência para os filhos.



DONA PETY

A saudosa professôra Anna Marques Guimarães, filha do farmacêutico Cypriano Marques e de d.ª Anna Pereira Marques, nasceu em Curitiba, a 8 de janeiro de 1892.

Depois de realizar os estudos primários, prestou exame de admissão à Escola Normal. Três anos depois, ainda, muito jovem recebeu o diploma de professôra normalista.

Dona Pety era uma educadora que se fazia querer bem pelos seus alunos. De atitudes suaves e com pa-

lavras brandas, tocava o coração das crianças, conquistando-as. Jamais distinguiu os ricos, tratando todos os alunos do mesmo modo carinhoso e acolhedor.

Se não nos falha a memória, Dona Pety lecionou na escola isolada da Rua Dr. Claudino dos Santos n.º 116; na da Rua Dr. Keller, parede-meia com a casa do ten. José Nunes Sardemberg n.º 129 e no Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva.

Que saudade de Dona Pety, minha professôra primária e que exerceu grande influência na formação de minha personalidade. Era a bondade, principal traço de seu caráter.

Depois de aposentada, Dona Pety prestava sua inestimável colaboração ao Departamento de Assistência, da Federação Espírita do Paraná, confeccionando roupinhas para recém-nascidos, assistidos por essa entidade.

Faleceu a querida mestra a 19 de janeiro de 1966, em Curitiba.

D.ª Pety era espôsa do Cel. Adolpho Guimarães. Nestas singelas linhas rendo a mais sincera homenagem à professôra das professôras, à inesquecível D.ª Pety.

ARTHÊMIA CRUZ

ARTHÊMIA CRUZ NEIVA DE LIMA nasceu em Maceió, Estado de Alagoas, a 5 de abril de 1902.

Era filha do cap. Mário de Oliveira e Cruz e de d.ª Luiza Fraga de Oliveira e Cruz.

Fêz seus estudos em Curitiba para onde se transferiu com sua família, diplomando-se professôra no ano de 1921.

A seguir prestou ótimo concurso, sendo nomeada para lecionar no Grupo Dr. Xavier da Silva.

Anos depois passou para o curso secundário, lecionando Educação Física, em especial a ginástica suéca.

Pianista diplomada, professôra de música e concertista, foi uma das primeiras educadoras que aplicou o rítmo musical à ginástica, quando no exercício de sua cátedra na Escola Normal de Curitiba.

Arthêmia, inteligente e estudiosa, cursou as aulas da afamada pianista Luba Alexandrowska.

Senhora dotada de fina educação, era elemento de escol no magistério paranaense.

Faleceu a distinta educadora a 16 de abril de 1940 em Curitiba.

Por ocasião dos festejos alusivos ao primeiro Centenário da Emancipação Política do Brasil, Arthêmia organizou magníficos números de ginástica rítimada, cuja execução constituiu maravilhoso espetáculo que a assistência muito e justamente aplaudiu.

Não tivemos mais oportunidade de assistir tão salutares exercícios.

Foi casada com o Sr. Emílio Müller Neiva de Lima.

BARONESA DO SERRO AZUL

D.ª MARIA JOSÉ CORREIA, BARONESA DO SERRO AZUL nasceu em Paranaguá, a 19 de abril de 1853.

Era filha de Manoel José Correia e de d.ª Gertrudes Pereira Correia.

Estudou no próprio lar com mestres pagos, como era uso naquêle tempo, em que a cultura era vedada à mulher. Recebeu, inclusive, esmerada e fina educação.

Sua alma afeita à prática do bem, fê-la estimada da pobreza de sua terra.

Depois do trágico desaparecimento do Barão do Serro Azul, seu idolatrado espôso, d.ª Maria José associou-se a tôdas as obras de beneficência e caridade, existentes em nossa terra, nessa época. Os hospitais de Misericórdia de Curitiba, Antonina e Paranaguá foram os mais aquinhoados, além da pobreza que lhe batia à porta. Educou sobrinhos.

Espalhou, enfim, bens às mãos cheias. O seu coração era grande demais. Tendo sido muito rica, faleceu pobre como muitos daquêles a quem ela tão bondosamente auxiliara.

D.ª Maria José, Baronesa do Serro Azul exalou o último suspiro em Paranaguá, a 9 de dezembro de 1921, rodeada de carinhos dos seus e daquelas que receberam o carinho e o óbulo da respeitável dama paranaense.

CAROLINA PETRELLI

A professôra CAROLINA PETRELLI DA SILVA nasceu a 12 de outubro de 1898, em Curitiba.

Era filha de Nicola Petrelli e de d.ª Olga Petrelli.

Realizou o curso primário na "Escola Republicana", dirigida pelo preclaro mestre Fernando Moreira. A seguir, matriculou-se na Escola Normal, onde se diplomou professôra, a 6 de dezembro de 1919.

Iniciou o exercício do magistério público primário como substituta da prof Pompília L. dos Santos, passando depois a exercer as funções de adjunta do Grupo Escolar "Professor Brandão".

Dedicando-se à poesia, revelou-se poetisa inspirada.

Colaborou no "Diário da Tarde", "Gazeta do Povo", "Album do Paraná", "Comércio do Paraná", "Senhori-

ta", "A Escola", "Sonetos paranaenses", "O Estado do Paraná", "Jornal dos poetas", "O Paraná em revista", todos jornais e revistas da Capital paranaense.

Modesta e boa, Carolina Petrelli lecionou com verdadeiro pendor para as lides do magistério, quando, por ventura, substituia alguma colega.

Faleceu a 17 de outubro de 1930 em Curitiba.

Era casada com Ataliba Silva.

CLAUDIANA MARIA

CLAUDIANA MARIA distinguiu-se das demais companheiras de sexo do seu tempo, pela longa duração de sua vida, conservando a disposição e ânimo das pessoas jovens.

Religiosa e fervorosa devota do Divino Espírito Santo, poucos meses antes do seu falecimento, acompanhou, como era costume naquêle tempo, a "bandeira do Divino", em Tietê, município de S. José dos Pinhais, em sua peregrinação anual.

Cantou e dançou nos fandangos e contava a raríssima idade de 110 anos (1886).

CLOTILDE MACEDO

D.ª CLOTILDE PORTUGAL MACEDO, caridosa matrona paranaense, nasceu em Itaquí, Campo Largo, a 10 de junho de 1874, sendo filha de James Pinto de Azevedo Portugal e de d.ª Anna Rosa Macedo Portugal.

Passou a sua meninice e adolescência na chácara de seus avós, desfrutando as alegrias de um lar bem formado e as delícias do maravilhoso clima de Itaquí.

Ao casar-se com seu primo, o Dr. Francisco Ribeiro de Macedo, cujo amor despontara desde a sua infância, mudou-se para Curitiba.

A saudosa matrona, mãe de oito filhos, foi igualmente, mãe de outras crianças, às quais dispensava o mesmo carinho e cuidado que dispensava aos seus descendentes.

Quer em Itaquí, quer em Curitiba, (cidade) quer em sua chácara em Santa Quitéria, viviam "encostados", homens e mulheres, que recebiam de suas dadivosas mãos, alimento, roupa e casa, as mais das vêzes, sem que os mesmos lhes prestassem qualquer trabalho.

Era D.ª Clotilde tôda bondade e coração, no que lhe seguiram os filhos, principalmente a saudosa Annette que era, pode-se dizer, uma segunda D.ª Clotilde.

Ao falecer a veneranda senhora, viam-se pelos cantos de sua casa, pobres mulheres cabisbaixas, o rosto coberto de pranto pela perda de sua grande benfeitora.

Nossas palavras são pobres, paupérimas, mesmo para bem esclarecer as ações de uma senhora das mais caridosa, modesta e boa que conhecí. Ainda não vimos simplicidade e compreensão iguais as suas.

Deu-se o seu falecimento a 19 de janeiro de 1929.

D.ª CÓRDULA RODRIGUES FRANÇA

D.ª CÓRDULA RODRIGUES FRANÇA era filha do capitão-mór André Gonçalves Pinheiro e de d.ª Maria de Ascenção França.

Nasceu em Paranaguá.

Era inteligente e de boa palestra. Seu estílo era simples, porém escrevia corretamente "A sua carta sôbre a conspiração separatista de 1821 é um documento sumamente interessante de nossa história". Nela está explicado com minúcias o movimento, inclusive nomes e cargos que ocupariam êsses cidadãos após a emancipação da Comarca. Essa carta reveladora causou a prisão do filho dessa respeitável senhora, que fora enviado para S. Paulo. Impensadamente d.ª Córdula passou a figurar na história do Paraná.

DONATILLA CARON

D.ª DONATILLA CARON DOS ANJOS, espôsa de Octávio Pereira dos Anjos, nasceu em Curitiba, a 31 de julho de 1894, sendo filha de Manoel Caron e de d.ª Luiza Toscani Caron.

Realizou seus estudos em sua cidade nativa, diplomando-se professôra normalista.

A sua vida desenrolou-se entre o lar e a escola. D.ª Donatilla dedicou-se de corpo e alma às lides do professorado paranaense.

Exerceu a sua missão em Vila Nova, município de Rio Negro; Rio Branco do Sul; Colónia Abranches, município de Curitiba; Grupo Escolar Oliveira Belo; Grupo Escolar Anexo à Escola Normal Secundária; Grupo Escolar Dezenove de Dezembro, onde, inclusive, foi diretora até a sua aposentadoria, após 23 anos de direção e 37 de labuta diária a encaminhar crianças, sem jamais haver tirado uma licença, sequer.

Personalidade marcante, D.ª Donatilla gozou estima e respeito tanto do corpo docente como do discente do Grupo Escolar sob sua competente orientação, assim como de tôdas as demais colegas de magistério.

Faleceu a saudosa professôra, a 29 de julho de 1960 em Curitiba.

ELVIRA PARANÁ

A prof. ELVIRA FARIA PARANÁ nasceu em Rio Negro, a 27 de março de 1883.

Era filha de José Maximiano de Faria Júnior e de d.ª Maria da Glória da Costa Faria.

Fêz o curso primário na cidade natal. Aluna distinta, não só pela aplicação, como pelo comportamento exemplar.

Dotada de invulgar inteligência, diplomou-se professôra pela Escola Normal de Curitiba, tendo feito curso brilhante.

Recem-formada, nomearam-na para reger uma das escolas situadas nos arredores da Lapa. Mais tarde foi removida para Palmeira e, posteriormente, para a Capital, graças à sua abnegação, esfôrço e dedicação ao ensino.

Expontâneamente comemorava as datas nacionais, realizando expressivas festas com os seus alunos.

D.ª Elvira pertenceu ao rol de professôres que seguiram o magistério, guiados pelo pendor inato para a nobre missão de esclarecer inteligências. Ela sentia-se feliz ao lado dos alunos, mòrmente dos de tenra idade.

Não tendo sido mãe, entretanto os seus discípulos recebiam sempre maternal carinho da provecta educadora.

Morreu moça, a 29 de maio de 1912.

Deixara um grande vácuo no magistério primário paranaense, aquela que fôra mestra por vocação.
D.ª Elvira era casada com o distinto cidadão Prof. Dr. Sebastião Paraná.

EMÍLIA ERICKSEN

A professôra d.ª EMÍLIA BRAZILIANA DE FAGUNDES ERICKSEN nasceu a 17 de novembro de 1817 em Recife, Pernambuco.

Era filha do cirúrgião-mór Manuel José de Faria e Albuquerque e de d.ª Marianna Faria de Albuquerque.

No ano de 1824 passou a residir na cidade de Santos, S. Paulo. Aí estudou, no próprio lar com o dedicado progenitor e com José Bonifácio, o Patriarca da Independência. Recebeu esmerada educação. Além das disciplinas que compunham o curso de humanidades, falava e escrevia corretamente o inglês e o francês.

Depois de casada, 1856, mudou-se para o Paraná, fixando residência em Castro. No ano seguinte abriu

um colégio para meninas. Êsse gesto representava perigoso passo naquela época; época em que não se cuidava da cultura feminina, por ser considerada desnecessária.

Pela eficiência do seu trabalho foi nomeada professôra da cadeira de 2.º gráu. D.ª Emília desempenhou êste cargo até a extinção do mesmo em 1862.

Tendo enviuvado nesse ano, nomearam-na para reger uma cadeira de primárias letras, cujos vencimentos eram mínimos. Corajosamente enfrentou a vida, proporcionando aprimorada educação aos seus filhos, todos menores.

Em 1900 mudou-se para a Palmeira. Deixava a cidade de Castro com tristeza, levando saudades e gratidão. Ali fôra muito querida e considerada. Com a perda de um filho, concentrou-se nessa grande dor. O único lenitivo para o seu padecimento era o aconchego do lar e a companhia dos filhos restantes.

Em seu diário registrava com todo carinho de mãe extremosa, os momentos de alegria, assim como os de tristeza. Estas páginas, não poucas vêzes eram umedecidas com silenciosas lágrimas que brotavam daquêles sonhadores olhos. Escreveu a última página a 7 de agôsto de 1908. Foram "palavras de bençãos e votos de felicidades, dirigidos à família".

Senhora respeitável. Espírito abnegado. Coração bondoso.

A vida de d.ª Emília deve ser melhor conhecida e tomada como modêlo, pois soube com dignidade e energia encaminhar todos os filhos sem contar com amparo ou proteção de alguém, inclusive do pai que, cedo, passara para o outro lado da vida.

Como mestra revelou-se educadora emérita. Ela era das que sabem que melhor se ensina pelo exemplo.

Por necessidade espiritual tornou-se literata, escrevendo em belo e elegante estilo. Sua correspondência com uma parenta sua, bem atestam o que acabamos de afirmar. São páginas dignas da pena de um mestre de nosso idíoma.

D.ª COLACA

D.ª ESCOLASTICA MORAES DE CASTRO VELLOSO nasceu em Morretes, a 30 de outubro de 1874.

Era filha de Américo Gonçalves de Moraes e de d.ª Narciza dos Santos Moraes.

Orfã aos nove anos, mudou-se com a mãe para Curitiba, a fim de continuar os estudos de piano. Mais tarde realizou vários concertos no Clube Curitibano e no Teatro S. Teodoro, ex-Guaira.

Possuindo brilhante inteligência, colaborou na Revista do Clube Curitibano, com o pseudônimo de Emílio Visconte. Casou-se com o saudoso prof Darío Vellozo.

Ao tornar-se mãe de doze filhos, afastou-se das lides literária e musical para só dedicar-se aos filhos, ao espôso e ao lar. Contudo, ainda encontrava tempo para auxiliar o espôso na revisão de suas obras.

D.ª Colaca, como era conhecida na intimidade, pertenceu à "Loja Teosófica Nova Krótona", da qual foi sua vice-presidenta, 1937; ao Instituto Néo Pitagórico, desde 1920, tomando parte ativa nas sessões líteromusicais, quer executando os clássicos do teclado, quer lendo seus trabalhos literários. Nessa altura seus filhos estavam todos criados.

Com pseudônimo de Ione colaborou nas revistas "Mirto e Acácia"; "Luz de Krotona", "Revista do Clube Curitibano", (2.ª fase) e na "A Lampada".

Ao falecer-lhe o espôso em 1938, viveu durante dez anos isoladamente em sua chácara — Retiro Saudoso — tendo como companheira inseparável a saudade, período êsse em que escreveu: "Pétala de saudade", "Dário Vellozo", "Histórias para meus netos", "Um desfiar de reminiscências", "Rocal de saudade", "Fragmentos".

Era dona Colaca uma bondosa senhora, dada a fazer o bem, sem ostentação, no que era acompanhada pela veneranda mãe. Nós, assim como nossos parentes recebemos os reflexos de sua generosidade. Esta modesta página constitui sincera homenagem às elevadas e raras qualidades que ornavam o caráter da ilustre dama que se chamou Escolástica Moraes de Castro Vellozo.

Faleceu com avançada idade, conservando, porém, lucidez de espírito e a proverbial bondade.

Era encantadora a suavidade de suas atitudes.

EUTHALIA DE FREITAS

A professôra EUTHALIA MACHADO DE MENEZES FREITAS, filha do Gal. Adalberto Machado e de d.ª Maria Camila Menezes Machado nasceu em Alegrete, Estado do Rio Grande do Sul, a 14 de outubro de 1896.

Iniciou seus estudos no recanto sulino, onde nascera e concluiu-os em Curitiba. Diplomou-se professôra em 1915, pela Escola Normal.

Logo após a sua diplomação foi nomeada para, interinamente, reger a Escola Mista da Vila de Três Bar-

ras, dezembro de 1915; em julho de 1919, removida para uma das classes do "Grupo Escolar Professor Cleto", desta Capital; daí passou-se para o Grupo Escolar "Modêlo", donde posteriormente, fôra transferida para o "Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva". Mais tarde, Euthália, passou a prestar serviços à Escola Normal, como professôra de educação Física em substituição à saudosa mestra Arthêmia Cruz, 1927.

Euthália Machado de Menezes Freitas era casada com Pedro Eugênio de Freitas.

Dotada de forte personalidade, Euthália exerceu o magistério com honestidade e dedicação.

Faleceu a distinta mestra a 29 de julho de 1937.

CHIQUINHA RIBAS

D.ª FRANCISCA LEOCÁDIA LUSTOZA DE ANDRADE RIBAS era filha do ten.cel. Ricardo Lustoza de Andrade e de d.ª Francisca das Chagas Carrão.

D.ª Chiquinha Ribas, como era conhecida, casara com o brigadeiro Manoel Ferreira Ribas. Seu imensurável coração, tornou-a a "fada" carinhosa que socorria aos necessitados de tôdas as formas possíveis.

D.ª Chiquinha foi mãe de uma legião de pobres. Seu nome ainda hoje é lembrado com reverência por aquêles que se bem que não a conhecessem pessoalmente, conheceram-na através da tradição, através das lembranças que ela deixou em sua passagem pela terra.

FRANCISCA TURECK

D.ª FRANCISCA DE CASTRO MENDES CAMARGO TURECK nasceu na "Capital Cívica" do Paraná, a 13 de outubro de 1873, sendo filha de Cândido Mendes Ribeiro de Camargo e de d.ª Maria Joaquina de Souza Castro Camargo.

Era casada com Miguel Tureck.

D.ª Francisca exerceu o magistério público primário em sua cidade natal. Mudou-se para Jaguariaíva e continuou a sua luta, alfabetizando crianças e adolescentes.

Devassadora da escuridão em que vivia o povo da referida cidade, porquanto fôra pioneira no mister de ensinar nêsse aprazível recanto paranaense.

D.ª Francisca aliava à vocação de ensinar a de mãe, pois, possuindo numerosa prole, sempre se desvelou, desdobrando-se em carinho e compreensão. A sua escola era a continuação do seu bem formado lar. Foi-lhe o magistério exercido como verdadeiro sacerdócio.

Faleceu a dedicada mestra, mãe de outras dignas mestras, a 24 de setembro de 1954, em Jaguariaíva.

PROF.ª GEORGINA MONGRUEL

A prof.ª GEORGINA LÉONARD MONGRUEL nasceu a 1.º de abril de 1861 em Charleroi, Bélgica.

Era filha do Dr. Léon Léonard, médico e engenheiro civil e de d.ª Emma Bernard Léonard.

Ficando orfã muito criança, foi educada em Paris, França, pelo avô Dr. Desiré Verwort.

De retôrno ao país natal, diplomou-se professôra pela Escola Normal Superior de Mons, Bélgica. Colou grau em 1885.

Em 1891, seguindo o espôso transferiu-se para o Brasil. Residiu em S. Paulo e Rio de Janeiro. Em 1895 passou a residir em Curitiba, onde lecionou canto, piano, violino e pintura aos alunos da Escola de Belas Artes. Essa escola situava-se na Praça Tiradentes, onde hoje existe a "Casa Féres"; francês na Escola Americana, Ginásio Curitibano; Colégios "Julio Theodorico" e "Duilio Calderari" e na Associação dos Empregados no Comércio.

Particularmente sempre lecionou, nada recebendo de alunos, como nós, pobres.

Bondosa e justa, dispensava igual trato aos discípulos.

Foi elemento social de destaque durante a sua estada na Capital paranaense.

Mudando-se para o Rio em 1922 continuou sua lida no magistério, prelecionando no Colégio Anglo-Americano. Jamais poude deixar de lecionar literatura, francês prático e teórico por método próprio a alunos que, destarte, demonstravam reconhecer a grande cultura da saudosa Georgina Mongruel.

Jornalista vibrante, redatoriou o "Moniteur Universal", em Bruxelas, Bélgica e colaborou "Mercure de France", Paris, 1889 e nas revistas "Escrínio" e "Victrix", de Curitiba; jornal "Diário da Tarde"; no Rio de Janeiro, na revista "Fon-Fon". Na imprensa parisiense d.ª Georgina usou o pseudônimo "Rose Fernande".

Pertenceu ao Centro de Letras do Paraná como fundadora; ao Instituto Néo Pitagórico, do qual foi presidente de Honra; à Academia de Letras José de Alencar, na qualidade de sócia correspondente, entidades paranaenses.

No ano de 1950 recebeu a "Médaille Civile Nationale Française", por mérito revelado no Estrangeiro, pelo decreto de 1.º de janeiro de 1950, Paris.

Poetisa inspirada, cuja jovialidade foi conservada até o derradeiro momento, publicou os livros: "Sous le Charme", prosa e verso, 1946; "La Dernière Chevauchée", poesia, 1952; "Avril Éternel Renouveau", poesia, 1952.

Faleceu a 26 de novembro de 1953, aos 92 anos e meio, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal.

D.ª Georgina viveu 27 anos na terra das araucárias e considerava-se curitibana por adoção. No Paraná deixou filhos, netos e bisnetos. Era extremamente boa e dotada de fina educação.

IDALINA RIBEIRO

D.ª IDALINA RIBEIRO veio ao mundo no Estado da Bahia, mudando-se para o Paraná em companhia de um irmão.

Era professôra diplomada e prestou relevantes serviços à instrução em nossa cidade.

Como mestra brilhante e culta, lecionou em vários colégios, dentre êles na Escola Americana, hoje extinta e no Colégio Divina Providência. Mas, a sua edificante e magnífica atuação, mais avulta como coordenadora dos interêsses da religião de Cristo. Fundadora da Pia União das Filhas de Maria da Divina Providência, no ano de 1906, à qual se dedicou de corpo e alma.

Por mais de trinta anos, D.ª Idalina, qual pastora de almas, trazia para o convívio do Senhor, tantas almas que viviam afastadas da sua proteção. Sua vida foi um constante e magnífico exemplo. Modeladora dos ideais católicos dos jovens curitibanos, D.ª Idalina jamais temeu ou esmoreceu diante das provações, das ingratidões, até mesmo da doença. A tarefa que se impusera fôra cumprida a risca.

Viveu para Deus, praticando a caridade. Já bem idosa, a 30 de março de 1949, partia para o regaço do Senhor, na Cidade de São João del-Rei, Estado de Minas Gerais.

Sua alma aí está para glória da educação religiosa das moças de nossa cidade.

ISABEL BRANCO

D.ª ISABEL BRANCO E SILVA nasceu em Paranaguá em 1798.

Era filha do Dr. Manoel Lopes Branco e Silva, ouvidor geral e corregedor de Paranaguá e de d.ª Bibiana Perpetua Branco e Silva.

D.ª Isabel era casada com o Cel. Luciano Carneiro Lobo.

Durante a guerra do Paraguai forneceu, gratuitamente, gado para o abastecimento das fôrças que, em

Jaguariaíva se organizavam, partindo em demanda da luta contra o ditador Lopes; manteve à suas expensas os guardas-nacionais do seu recanto nativo.

Possuida de profundo sentimento religioso, d.ª Isabel empenhou-se na campanha pró-fundação da capela, sob a invocação do Senhor Bom Jesus da Pedra Fria. Muito trabalhou junto ao Bispado de S. Paulo até ser concretizado o seu desejo. Em 1863, eis que fôra construida a capela.

"Em 1866, inspirada nos seus sentimentos religiosos e animada com o surto de povoadores que acorriam à freguesia de Jaguariaíva, resolveu fazer doação, por esmola, à imagem do Senhor Bom Jesus da Pedra Fria para ficar-lhe como patrimônio, grande extensão de terra, cuja escritura foi lavrada em Castro".

A veneranda senhora d.ª Isabel Branco e Silva viveu rodeada dos entes queridos, estimada e respeitada pelos seus conterrâneos. "Sua vida fôra proveitosa e tôda dedicada aos interêsses desta terra" (Jaguariaíva).

Faleceu a 17 de agôsto de 1870 em Jaguariaíva.

LEONÍDIA CORRÊA

A poetisa LEONÍDIA VASCONCELLOS CORRÊA nasceu em Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, a 7 de abril de 1905. Aí estudou, atingindo cultura geral. Lecionou na Escola Técnica. Iniciou, Leonídia, a sua carreira literária colaborando nos jornais e revistas do seu Estado natal.

Escreveu contos, crônicas, crítica teatral e poesias.

No ano de 1938, mudou-se para a "terra das araucárias", onde logo grangeou vasto círculo de amizades.

Dotada de coração bem formado, aqui chegando iniciou campanha de assistência social. Levou a efeito festividades beneficentes. No Natal distribuia presentes à pobreza.

Manteve interessante programa radiofônico dedicado à petizada, em o qual ela atuava como tia Nicota.

Filiando-se ao P.T.B. fêz vários discursos em praça pública.

Foi presidente dos Escoteiros.

Eis o que Leonídia escreveu numa de suas poesias:

"Mulher escuta.
Sofre, vive e luta,
Deixa a quimera, o luxo, a vaidade.
Abre teu coração
À luz amarga da verdade!"

Leonídia era tôda bondade. Amiga dedicada e uma batalhadora dotada de grande vontade de vencer. Infelizmente faleceu ainda moça, pois contava sòmente cincoenta e dois anos, quando passou para o outro lado da vida, a 16 de julho de 1957 em Curitiba.

LUCIE LAVAL

LUCIE LAVAL era filha de Maurício Laval e de d.ª Alix Laval.

Nasceu em Dakar, África, a 19 de abril de 1895.

Da África passou para a França, depois viajou para o Brasil, em companhia dos pais, 1908. Residiu algum tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais, donde se mudou para Curitiba.

Poetisa inspirada, deixou o único livro de poesias, escrito aos dezoito anos — "Dans l'ombre".

Colaborou na "Gazeta do Povo", "Diário da Tarde", "Revista do Centro de Letras do Paraná", "Album do Colégio Renascença", "Senhorita", todos de Curitiba e "Diário dos Campos", de Ponta Grossa.

Lucie Laval é um nome que pertence à galeria literária paranaense, pois fôra sob o céu do Paraná que ela, menina-moça, revelou-se a poetisa de escol que fôra, embora desaparecesse tão jovem.

Faleceu em Curitiba, a 21 de janeiro de 1914, aos dezenove anos.

RUA LUDOVICA BORIO

A educadora Ludovica Caviglia Bório nasceu em Turim, Itália, onde estudou, diplomando-se professôra normalista.

Por volta de 1890 mudou-se para o Brasil, fixando residência em Paranaguá.

Logo que organizou sua vida, dedicou-se ao estudo da nossa língua.

Abriu um curso de bordados e prendas domésticas, incluindo pintura e piano. Passados três anos, já conhecedora do nosso idioma, abriu um curso primário e complementar misto. Sua escola foi frequentada pelas filhas das melhores famílias da época.

Grande pianista, insigne educadora, cujo pendor inato, fê-la um símbolo da educação em nossa terra.

Durante trinta ininterruptos anos, d.ª Vica, como era conhecida, distribuiu instrução à infância e adolescência da terra de Júlia da Costa.

Realizava com seus discípulos festividades cívicas e de beneficência, ocasião em que as crianças exibiam os seus conhecimentos artísticos. Belas exposições de

trabalhos manuais foram realizadas, por ocasião dos exames. Não raro êstes eram assistidos pelas personagens mais cultas da cidade e, por vêzes, por ilustres visitantes. Os alunos de d.ª Vica sempre faziam bonito.

O Clube Literário de Paranaguá concedeu-lhe o título de sócia honorária, em atenção aos relevantes serviços prestados à cidade pela inolvidável educadora d.ª Ludovica Bório e a Prefeitura deu o seu nome a uma das ruas da cidade do Itiberê.

No ano de 1920, transferiu sua residência para Curitiba, devido o mau estado de sua saúde, onde faleceu.

LYGIA CARNEIRO

A professôra LYGIA CARNEIRO era filha do Dr. Abdon Petit Carneiro e de d.ª Francisca Henriqueta Ericksen Carneiro.

Nasceu em Curitiba, a 14 de dezembro de 1905.

Na capital paranaense realizou todos os estudos; o primário na Escola Carvalho, da qual uma das professôras era a saudosa d.ª Josephina Carmem Rocha, d.ª Vidinha, como era conhecida; o secundário na Escola Americana, que, no seu tempo, era uma das principais escolas para meninas.

Lygia Carneiro, após conseguir registro de professôra perante o Ministério de Educação, dedicou-se ao ensino, prelecionando, principalmente, a difícil disciplina — português, e o fazia com perfeito conhecimento da matéria.

Professôra bondosa, fazia das alunas, suas grandes amigas. Jamais algum aluno fêz-lhe uma indagação sem receber a resposta exata e imediata.

Inteligente e culta, Lygia Carneiro foi uma das fundadoras do Centro Paranaense Feminino de Cultura. Quando eleita presidenta dêsse grêmio, muito trabalhou, pois a entidade passava por difícil fase. Ela, impávida e resoluta, não esmoreceu. Empreendeu a campanha de novas sócias. Galhardamente, venceu a crise. Em sua gestão o Centro viveu uma das mais belas e movimentadas épocas.

Pertenceu, também, ao Centro de Letras do Paraná.

Modesta como soem ser os grandes espíritos, altamente cultos e educados, ela não gostava que falassem sôbre seus inúmeros predicados, inclusive uma grande bondade. Nessas ocasiões Lygia desconversava, mudando de assunto. Gesto raro êsse, mòrmente na mulher.

Foi secretaria do Instituto de Música do Paraná Menssing, da sua fundação até as "bodas de prata" do Instituto; professôra de História da Música, nêsse Instituto e de português em vários colégios da Capital paranaense.

Tocava piano com perfeição, tendo sido aluna das professôras Margarida Solheidt Marques e d.º Rachel Menssing.

Coração sensível; amiga leal.

Viveu para os livros, para os entes queridos, para os diletos alunos.

Faleceu a distinta patrícia, a 19 de abril de 1957 em Curitiba.

"Rendemos a ti o nosso eterno preito
Ao teu vulto de Mestra, o mais santo respeito!"

MARGARIDA KIRCHNER

A professôra MARGARIDA KIRCHNER nasceu em Rio Negro, a 8 de agôsto de 1896.

Era filha de Phelippe Kirchner e de d.ª Carolina Tietz Kirchner.

Passou a infância na cidade natal, onde fêz o curso primário. Em 1911 matriculou-se na Escola Normal de Curitiba. Em janeiro de 1914, recebeu o diploma de professôra.

Em março do referido ano, foi nomeada para a escola de Vila Nova, município de Rio Negro (hoje pertencente a Mafra).

Em 1916, removeram-na para o Grupo Escolar "Barão de Antonina". Ao ser criada a escola complementar em 1926, passou a reger uma das suas classes e, no ano seguinte, a diretoria do citado grupo escolar. Esteve à frente dessa direção até 1945, quando, a seu pedido, foi afastada da direção, continuando, porém, a lecionar uma das classes do grupo. Em 1949 recebeu, também, a pedido, a aposentadoria.

Margarida Kirchner era das professôras que fazem do magistério legítimo sacerdócio.

Exerceu o cargo de tesoureira da Maternidade de sua cidade, durante muitos anos, cargo êsse que não era remunerado. Por vários anos ministrou doutrina às crianças na igreja Evangélica.

Mestra assídua e dedicada, têve a glória de só haver servido o recanto em que nasceu, pois, ninguém melhor do que os filhos da terra, por ela trabalham com amor e desinterêsse.

Faleceu a distinta educadora, a 10 de fevereiro de 1958, na cidade onde nasceu e sempre viveu.

A Câmara de Rio Negro, prestou significativa homenagem à Margarida Kirchner, batizando uma de suas ruas com o seu respeitável nome.

MARGARIDA MACIEL

D.ª MARGARIDA MACIEL DE ARAUJO nasceu em Papagaios Novos, município da Palmeira, a 18 de julho de 1890.

Era filha de José Joaquim Perpétuo e de D.ª Rosa Ferreira de Araujo Perpétuo. Bondosa, simples e muito religiosa D.ª Margarida, já com os filhos crescidos, mudou-se para Curitiba em companhia do espôso. Na vila onde nascera se tornara estimada e muito querida, pela grandeza de seu coração.

Depois de pertencer à abastada família, empobreceu, continuando contudo, rica de boas ações. Em Curitiba sofreu terrível doença que a manteve prêsa no leito, mal se movendo. Nervosa e medrosa como sou, perguntei-lhe — D.ª Margarida, a senhora não se desespera com esta situação? Eu viveria chorando, meio maluca... Sorrindo, em sua face transpareceu a viva fé de que era possuida e respondeu-me — "Não D.ª Maria. Não me revolto, porque sei que Deus vai me curar". E, por incrível que pareça, essa cura assemelha-se a verdadeiro milagre.

Mais tarde, mudou-se para S. José dos Pinhais, a fim de aproximar-se da filha única, desde que os rapazes tinham casado, um a um.

Na aprazível cidade sua luta em benefício da pobreza tornou-se marcante, pois D.ª Margarida foi uma das mais eficientes colaboradoras do Patronato Santo Antonio, dessa cidade. Mãe extremosa, espôsa exemplar e amiga sincera.

Pertencia à várias sociedades religiosas, o que vale dizer, que jamais deixou de praticar a caridade conforme ensinou Jesus.

Faleceu D.ª Margarida a 5 de abril de 1961, em Curitiba, onde se achava em tratamento.

Como reconhecimento pelo seu trabalho desempenhado a favor dos pobres do Patronato acima referido, a Câmara Municipal de São José dos Pinhais prestou-lhe singela homenagem, tornando-a patrona de uma de suas ruas.

MARIA ÂNGELA FRANCO

D. Maria Ângela Franco Ferreira da Costa, filha do Coronel Evaristo Martins Franco e de dona Maria Josephina de Serra Franco, nasceu a 29 de outubro de 1877 em Curitiba e aí faleceu a 15 de janeiro de 1959.

Depois de efetuar os estudos primários prestou exame de admissão à Escola Normal, diplomando-se professôra normalista.

Era D. Maria Ângela dotada de fina educação e de grande bondade.

Como professôra soube, como poucas, bem desempenhar a sua missão.

Espírito justiceiro e, despida de vaidade, D. Maria Ângela lecionou na escola do Alto da Glória; Grupo Escolar Tiradentes, sob a direção da saudosa mestra Júlia Wanderley Petriche, a quem D. Maria Ângela deveria substituir por ocasião do seu falecimento. Entretanto, nomearam Alba G. Plaisant para o cargo de diretora do Grupo Escolar Tiradentes e D. Maria Ângela pediu remoção para o Grupo Escolar Oliveira Bello, recebendo como compensação pela injustiça sofrida, a direção dêsse Grupo.

D. Maria Ângela pertenceu ao Centro Paranaense Feminino de Cultura, à Sociedade das Damas de Caridade das Senhoras Católicas, à Associação das Mães Cristãs e à Sociedade de Socorro aos Necessitados.

Era a ilustre dama espôsa do Dr. Lysimacho Ferreira da Costa.

MARIA AMÉLIA D'ASSUMPÇÃO

D.ª MARIA AMÉLIA FERNANDES DE BARROS D'ASSUMPÇÃO nasceu em Santa Catarina, a 22 de novembro de 1885.

Era filha do Desembargador Bento Fernandes de Barros e de d.ª Joaquina Franco de Barros.

Tendo estudado as matérias que compunham as humanidades com professôres particulares, inclinou-se pela arte pictórica.

Mudando-se para Curitiba, onde fixou residência, d.ª Maria Amélia fêz-se aluna do Professor Andersen e foi considerada sua primeira aluna.

Já em 1917 realizou exposição de seus trabalhos no Rio de Janeiro, recebendo calorosos aplausos por parte da crítica especializada.

Lecionou pintura e desenho na Escola do Professor Francisco Guimarães, na Escola Profissional Feminina e deu aulas particulares.

Na capital paranaense realizou várias exposições que mereceram sempre elogiosas críticas da imprensa local, de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Depois da morte de Alfredo Andersen, seus trabalhos chegaram a competir com os do Mestre.

D.ª Maria Amélia dedicou-se à natureza morta, mas existem muitas paisagens de sua autoria.

Após o seu passamento para o descanço eterno, colecionadores de S. Paulo adquiriram obras da distinta pintora.

Nos museus Paranaense e Cel. David Carneiro existem telas de sua autoria.

Senhora dotada de altos dotes morais, d.ª Maria Amélia faleceu em Curitiba, a 3 de setembro de 1957. D.ª Maria Amélia era casada em segunda núpcias com o Dr. João Pamphilo d'Assumpção.

MARIA CÂNDIDA DE JESUS

MARIA CÂNDIDA DE JESUS CAMARGO era filha de Cândido Mendes Ribeiro de Camargo e de d.ª Maria Joaquina de Castro Camargo.

Nasceu a 6 de agôsto de 1868 em Ponta Grossa.

Estudou com as professôras Alzira Braga dos Santos e Antonio Martins de Araujo e Júlio Cezar de Souza Araujo.

Muito inteligente, foi aluna aplicada.

Dedicou-se ao magistério público primário. Lecionou em Ponta Grossa, Jaguariaiva, Prudentópolis, Cerrado e Môrro das Pedras, no município de Imbituva.

Foi professôra carinhosa e amiga das crianças. Realizava festinhas, por ocasião dos exames e de certas datas nacionais.

Em julho de 1919 passou a viver em Jaguariaíva.

Usando os pseudônimos Stella de Jesus, Miriam, Stella Maria, Aimar e outras, colaborou nos periódicos: "Copacabana", do Rio, "Revista Feminina" de S. Paulo; "Matão" do Estado de São Paulo; "Diário da Tarde", "A República", "O Dia", "A Cidade", "Almanaque dos Municípios", "Jornal dos Poetas", "Correio dos Ferroviários", todos de Curitiba; ""O Itiberê" e a "Marinha", de Paranaguá; "Jornal de Antonina", de Antonina; "Campos Gerais", "Diário dos Campos", "O Comércio", todos de Ponta Grossa; "Guaira" e o "Progresso", de Guarapuava, "A Cidade", "O Jaguariaíva", "A Luta", de Jaguariaíva; "Dezenove de Novembro" e "Castro Jornal", de Castro; "O Eco", de Sengés; "O Tomazina", de Tomazina.

Aposentou-se em 1919.

Poetisa inspirada, manejava a pena com rara habilidade.

Por iniciativa de sua sobrinha, a bacharel prof.ª Alayde de Camargo Tureck, foi publicado o seu livro de poesias intitulado "Júbilos e Máguas". E' formado das rimas esparsas nos jornais e revistas em que colaborou.

Faleceu a 11 de agôsto de 1949, em Jaguariaíva.

MARIA DO CARMO DE MORAES MARTINS

D.ª MARIA DO CARMO DE MORAES MARTINS era espôsa do ten. cel. José Antonio Martins que veio com a comitiva do Conselheiro Zacharias em 1853.

Em 1841 provida como mestra, continuou a lecionar na nascente província do Paraná. E' ela uma das primeiras professôras primárias do Paraná, onde exerceu o magistério durante trinta anos.

Faleceu em 1872.

MARIA DA LUZ ASCENÇÃO

D.ª MARIA DA LUZ ASCENÇÃO SILVEIRA, filha de João Ascenção e de d.ª Anna de Faria Ascenção.

Nasceu a 6 de outubro de 1882 na Lapa.

Depois de realizar os estudos primários, prestou exame de admissão à Escola Normal. Diplomou-se professôra, tendo-se revelado aluna distinta.

Era casada com o ilustre conterrâneo, o artista do lápis, Aureliano Silveira.

D.ª Maria da Luz foi das professôras que só exerceram o magistério primário. Que maior galardão po-

de conquistar, quem dedicou a sua mocidade a esclarecer inteligências e formar caráctéres?

D.ª Maria da Luz iniciou a sua edificante carreira, lecionando em Santa Felicidade, município de Curitiba e, a seguir, na escola isolada da Rua Treze de Maio, perto do Passeio Público; Grupos Escolares: "Dr. Xavier da Silva", "Dezenove de Dezembro" e "Tiradentes".

Depois de vinte e cinco anos de bons e reais serviços à causa da educação e após tantos padecimentos devido doenças e mortes de entes queridos, seu coração obrigou-a a aposentar-se. A conselho médico e a insistência dos familiares deram-lhe coragem para se afastar de sua tão querida escola. Isso, porém, foi uma pena, pois D.ª Maria da Luz era professôra no sentido inteiriço da palavra: um misto de educadora e de mãe.

Amiga incondicional, D.ª Maria da Luz era a sinceridade em pessoa. Boa por excelência, o seu coração era grande, muito grande.

Sua escola fôra tantas vêzes visitada pelo Governador do Estado, Diretor da Instrução, Inspetor Escolar e por outras pessoas gradas, causando sempre ótima impressão aos visitantes, pela ordem, asseio e aproveitamento das alunas.

Foi portanto, uma das felizardas por ter vivido numa época em que os governantes visitavam as escolas, levando sua palavra de estímulo e confiança às distintas formadoras da sociedade.

D.ª Maria da Luz, mestra que instruia e educava, faleceu a 11 de março de 1960 em Curitiba, cercada do carinho das duas filhas que lhe restavam e dos netos que a veneravam, dedicando-lhe amor e carinho.

MARIA DA LUZ BRANCO

A saudosa pintora MARIA DA LUZ ALVES BRANCO, mais conhecida por Nezinha, era filha de Romão Rodrigues de Oliveira Branco e de d.ª Anna Balbina Alves Branco.

Nasceu em Curitiba, a 27 de maio de 1878.

Frequentou aulas particulares, cursando as matérias ginasiais. Dotada de inteligência estética, estudou pintura e desenho na Escola de Belas Artes do Paraná. Aperfeiçoou-se com o professor Andersen, de quem recebeu preciosas aulas.

D.ª Nezinha dedicou-se à arte pictórica sem visar resultado pecuniário.

Sua preferência pendia para retratos e paisagens.

Era uma das integrantes do pequeno grupo de pintoras, no seu tempo, em nossa terra. E' grande o número de seus belos quadros, destacando-se entre êles, o que recebeu o título de "Uma casa de caboclo", que foi qualificado pela crítica especializada, como sua obra prima e outro, reproduzindo a imagem do "Senhor dos Passos", etc.

D.ª Nezinha, finamente educada, possuia hábitos simples. Era bondosa, dedicando atenção a todos os que dela se aproximavam.

Apaixonada por sua arte, só deixou de pintar quando sua saúde não mais lhe permitiu empunhar seus pinceis.

Faleceu, a saudosa paranaense a 16 de maio de 1950, em sua cidade natal.

MARIA EUPHRÁSIA DE BARROS

D.ª MARIA EUPHRÁSIA DE BARROS era filha de Constantino Faria e de d.ª Gelsnia de Faria. Nasceu no ano de 1877 e faleceu a 15 de outubro de 1894.

Muito jovem desposou o Dr. Amintas de Barros, jovem advogado, vítima da triste e inglória revolução federalista.

D.ª Maria Euphrásia que fôra criada em meio a abastança sofria com o sofrimeito alheio. Sua casa era ponto obrigatório, onde os necessitados encontravam carinho e meios de minorar os seus males. Era d.ª Maria Euphrásia conhecida como "Mãe dos pobres".

Até nossos dias o seu nome é lembrado com saudade, reconhecimento por aquêles que a conheceram pessoalmente.

Sua memória é, e será sempre, venerada em homenagem aos seus dotes de mulher piedosa.

D.ª PEQUENA

MARIA FRANCISCA CORREIA DE MIRANDA, d.ª PEQUENA, alma compassiva e boa muito bem praticou. Qual mãe da pobreza, ela servia à caridade por amor à caridade.

Moça culta e dotada de suave gênio, foi a primeira professôra e diretora do primeiro Jardim de Infância criado em Curitiba e inaugurado a 2 de fevereiro de 1903.

D.ª MARIA RITTA FERREIRA DE OLIVEIRA BUENO

D.ª MARIA RITTA FERREIRA DE OLIVEIRA BUENO era filha do major Francisco de Paula Xavier, português e de d.ª Ritta Ferreira Bueno, santista.

Fôra educada como tôdas as jovens de sua condição social, isto é, tornou-se perfeita dona de casa, conhecendo tôdas as prendas domésticas, conforme lhe ensinara a dedicada mãe.

A 19 de julho de 1807 casou-se com o sargento-mór Diogo Pinto de Azevedo Portugal. Em fevereiro de 1810, partiu ao lado do marido, em demanda dos campos de Guarapuava. Heróica mulher, dedicada espôsa que iria enfrentar, sabe Deus, o que! para não se separar do valoroso companheiro e atendê-lo em suas

aflições, amparando-o, moralmente. Não que Diogo Pinto não fôsse um forte de ânimo, mas sua ausência aumentaria as preocupações do extremoso marido.

Suportando estoicamente, todos os revezes sofridos, durante a penosa viagem, chegou a Linhares, disposta a concorrer com sua boa vontade, ajudando o desenvolvimento da povoação, por sugestão de Diogo Pinto.

Estabeleceram, pois, indústria doméstica de sabão, velas, cigarros, pães, farinhas, tecidos de lã, costura a mão, porque não havia máquinas.

As mulheres possuidoras de recursos, dirigiam em suas próprias casas as suas especialidades ou especialidade. Destarte proporcionavam ganho às pobres. Os produtos que excediam do gasto caseiro, eram trocados ou vendidos em seus próprios lares. Seguindo para Atalaia, depois de estabelecidos, d.ª Maria Ritta restabeleceu suas indústrias. Com os cigarros Diogo Pinto presenteava praças e operários.

D.ª Maria Ritta, as senhoras dos oficiais e as dos principais povoadores, cortavam e cosiam as roupas que eram dadas aos índios acompanhadas de outros presentes, ao mesmo tempo que dirigiam os trabalhos de outras mulheres. Viviam sempre em grande atividade.

O comandante Diogo conquistou a amizade do índio Pahy, rapaz de vinte e poucos anos, ativo, inteligente e que se converteu ao catolicismo. Foram seus padrinhos Diogo e sua mulher. Pahy passou a chamar-se Antonio José Azevedo Pahy. (O Azevedo era homenagem ao seu benfeitor e amigo Cel. Diogo Pinto).

O primeiro filho de d.ª Maria Ritta nasceu a 10 de abril de 1814. Não poude, porém ser amamentado pela genitora, devido estar com os seios inflamados. Foi

a jovem espôsa de Pahy, sadía e asseada, quem amamentou o pequeno Francisco. Daí por diante mais se aprofundou a amizade entre patroa branca e serva bugra, o que prova a grandiosidade dos sentimentos de d.ª Maria Ritta. Ela, como o sargento-mór não conheciam preconceito racial.

Quando em 1818 deu-se a mudança de Atalaia para Linhares da família de Diogo Pinto, deixaram em prantos a bondosa e dedicada ama de seu filho, êles, porém, jamais esqueceram a querida índia que dera o seu leite à criança recem-nascida.

Nessa ocasião d.ª Maria Ritta foi verdadeiro esteio moral do seu espôso, porquanto a tal mudança fora motivada por vís intrigas forjadas contra êle por quem ambicionava apossar-se do seu cargo. Com suaves palavras procurava consolá-lo, lembrando-lhe que cumprira satisfatóriamente e honestamente sua missão. Tinha a consciência tranquila, ainda haveriam de lhe fazer justiça, como de fato o fizeram, embora tardiamente.

Sentindo a saúde do espôso sèriamente abalada, Maria Ritta mandou preparar a sua morada de Castro e para lá se dirigiram. Depois de haverem descansado, seguiram para S. Paulo, onde, graças aos recursos médicos e farmacêuticos, Diogo sentiu-se bem melhor. Porém, fôra a notícia de que se lhe fizeram justiça, que agiu mais positivamente, proporcionando-lhe a melhora desejada. Retornando a Linhares, encontrou tudo ao abandono, necessitando nôvo intenso trabalho para pôr tudo em ordem, mas a saúde do coronel piorou.

D.ª Maria Ritta mandou novamente um próprio para preparar a casa de Castro e para lá se dirigiram. Mas... o mal era fatal.

— Coragem, diz. Sorri. Cala, Agoniza e morre.

D.ª Maria Ritta procurou entender-se com os seus caseiros e, durante algum tempo recebeu corretamente o produto das vendas efetuadas em suas fazendas. Depois, o silêncio. Suas terras em Guarapuava foram ocupadas pelo Govêrno, que prometeu pagá-la, porém, acabou tudo no esquecimento.

MARIA ROSA DOS SANTOS

D.ª MARIA ROSA DOS SANTOS, nascida em Paranaguá, a 30 de agôsto de 1843, era filha de José Maria dos Santos e de d.ª Izabel Maria Pereira dos Santos.

Foi casada com o professor João Baptista Pereira de Andrade.

D.ª Maria Rosa exerceu o magistério primário em sua cidade, onde sempre viveu, respeitada e venerada pelas excelsas virtudes que lhe ornavam o caráter, sobressaindo, dentre elas, a bondade.

Tendo casado com mestre-escola, D.ª Maria Rosa, foi uma das mulheres privilegiadas, pois quantas e quantas vêzes a má vontade ou incompreensão dos familiares, prejudicam a professôra no exercício de sua nobre missão. E', porém, necessário que se diga, a bem da verdade: não são poucas as ocasiões em que temos de pôr de lado os nossos filhos, para atendermos aos filhos de outrem. Daí, independente de qualquer vontade, surgem os problemas domésticos...

D.ª Maria Rosa dos Santos, felizmente, não os teve.

MARIA TREVISAN

Cabe-nos hoje a grata satisfação de apresentar uma senhora, cuja vida foi um belo exemplo a ser imitado.

Trata-se de MARIA TREVISAN TORTATO ou melhor MARIA POLENTA, como era conhecida. Não sabemos o porquê dêsse apelido, pois d.ª Maria era querida de quantos a conheciam.

Sentimo-nos contentes em traçarmos estas linhas por tratar-se de uma mulher e... Maria. MARIA TREVISAN TORTATO era filha de José Trevisan e de d.ª Thereza Bortholo Trevisan.

Nasceu a 2 de março de 1880 em Veneza, Itália. Aos doze anos de idade, emigrou com os progenitores para o nosso País.

Maria Polenta foi tôda coração; tôda bondade.

Desde 1904, após o seu consórcio com José Tortato até sua morte, esta modesta e simples alma, dedicou-

se a aliviar males dos seus semelhantes, sem, contudo, visar fins monetários com sua piedosa obra.

Viveu pobre e pobre morreu.

Sublime ação a sua, atendendo pobres e ricos da mesma maneira afável e paciente. A todos atendia com o mesmo interêsse de bem servir, suavisando dores.

Faleceu a 22 de abril de 1959 em Curitiba. O seu entêrro foi um dos mais concorridos que se deu em Curitiba.

Morando no Bairro Água Verde, o seu caixão foi carregado por seus inúmeros, sinceros admiradores e clientes. Poucos receberão igual prova te reconhecimento e gratidão, porque poucos, pouquíssimos agem como ela agia. No entroncamento da Rua Carneiro Lôbo com Avenida República Argentina foi inaugurada a herma de Maria Polenta, Benfeitora, cuja confecção foi custeada por subscrição popular.

Estas linhas constituem uma sincera homenagem da Autôra dêste despretencioso livro, ao grande coração da inesquecível Maria Polenta.

MARIANNA COELHO

A educadora MARIANNA COELHO era filha de Antonio Ribeiro Coelho e de d.ª Maria do Carmo Meirelles Coelho.

Nasceu em Sabrosa, Portugal, a 10 de setembro de 1873.

Mudando-se para o Brasil, fixou residência em Curitiba.

Dedicou-se ao magistério. Fundou o Colégio "Santos Dumont", para o sexo feminino. Por muitos anos, d.ª Marianna dedicou-se à cultura da mocidade da terra que a adotara como filha.

Mais tarde, nomearam-na diretora da Escola Profissional "República Argentina", em cujo cargo aposentou-se.

Ainda na pátria de Camões, deu início às suas publicações poéticas, 1887, no "Comércio de Vila Real".

Espírito altamente culto, era poetisa e prosadora de alto valor.

Pertenceu ao Centro de Letras do Paraná.

Colaborou no "O Comércio de Vila Real", "Jornal da Manhã", "A Voz Pública", todos periódicos do Porto, Portugal; "Diário do Comércio", "A República", "O Cenáculo", "Almanaque Paranaense", "Gazeta do Povo", 1896; "Almanaque do Paraná", "A Pena", "O Sapo", "O Beijo", "Breviário", "Diário da Tarde", "Fôlha Rósea", "Olho da Rua", "Fanal", "A Bomba", "Comércio do Paraná", "Almanaque Paranaense", "Senhorita", "Prata de Casa", "A Sempreviva"; "O Estado do Paraná", todos de Curitiba.

Publicou as seguintes obras: "Discurso", 1902; "O Paraná mental", 1908; "A Evolução do feminismo", 1933; "Um brado de revolta contra a morte violenta", 1935; "Linguagem", tese, 1937, "Cambiantes", etc.

Talvez, por haver nascida no mês da primavera, Marianna Coelho era uma grande afeiçoada às flôres. Jardineira especial, dispersou aos ventos dêstes pagos as múltiplas coloridas pétalas de sua inteligência de escol.

Dedicou-se com amor e particular carinho às reivindicações da mulher que trabalha, luta e pensa.

Em nossa terra Marianna Coelho foi o farol, o expoente máximo de tão edificante luta.

Faleceu a 7 de novembro de 1954 em Curitiba.

MARIQUINHA AGUIAR

Em 11 de agôsto de 1886, fôra dado início à aula de desenho e pintura, ministradas pelo português Antonio Mariano de Lima.

Em virtude da pobre situação financeira da Província, o material didático, inclusive o mobiliário, foram adquiridos por meio de espetáculo realizado em benefício da escola.

A 6 de janeiro do ano seguinte foi a mesma solenemente inaugurada.

Mariano de Lima, que era grande cenógrafo e dotado de vontade de bem servir a terra que o recebera carinhosamente, foi um batalhador incansável. Lutava com a falta de tudo, inclusive de elementos capacitados para o auxiliar. Assim, meu pai exercia as funções de porteiro, servente, assistente, aluno, mensageiro, acompanhante de alunas.

Desgostoso com certo fato íntimo, retirou-se para o Norte do Brasil, onde morreu. Substituiu-o na escola uma de suas alunas diletas, que, posteriormente se tornou sua espôsa, dona Maria da Conceição de Aguiar Lima, d.ª Mariquinha Aguiar, como sempre foi conhecida. D.ª Mariquinha foi aluna distinta e muito inteligente. Conquistou o 1.º prêmio, medalha de ouro, 1891, de prata em 1892, por ter recebido a de ouro no ano anterior; 1892 a de cobre, por ter recebido a de prata.

A escola passou por diversas mudanças. D.ª Mariquinha revelou-se mestra cumpridora dos seus deveres, atenciosa e pontual.

Realizou várias inovações que muito melhoraram o ensino naquela casa de aprendizagem artística.

Ela só se afastou de sua escola, que passou a chamar-se "Escola Profissional", por ocasião de sua aposentadoria.

Pela irradiante simpatia e modos suaves, conquistou a amizade e a consideração não só de seus alunos e subalternos como de todos que a conheciam.

MAURINA BIANCHI

Entre as mulheres que se salientaram pela sua inteligência ou pelos dotes de coração, destacamos uma que, ainda menina, revelou-se extraordinariamente executante do violino. Trata-se de MAURINA BIANCHI, filha de Giovannina, D.ª Gina, professôra de pintura e Eduardo Bianchi.

Nasceu a 7 de agôsto de 1901 e faleceu a 5 de junho de 1916 em Curitiba.

Sua vida de tão pouca duração assemelha-se a um "astro", cuja fulguração, jamais teve semelhante em nossa terra.

Desapareceu MAURINA BIANCHI, sob a luminosidade de um talento, ímpar na execução do seu violino, e era quase uma menina.

MARY PARKER DASCOMB e ELMYRA KUHL

MARY PARKER DASCOMB nasceu em Providence, Rhod Ilan, a 30 de junho de 1842.

ELMYRA KUHL nasceu em Copper Hitt, Nova Jersey, a 13 de fevereiro do mesmo ano de 1842.

Colegas da mesma escola, fizeram sólida amizade que as uniu até a morte.

Mudando-se para o Brasil, estabeleceram-se em Curitiba, onde fundaram a Escola Americana, a primeira, no gênero, na ordem cronológica, fundada em Curitiba, 1892; o primeiro para meninas. A sua organização, baseada nos moldes norte-americanos, era considerada modelar casa de ensino. Durante mais ou menos vinte e cinco anos prestaram, as professôras em aprêço, bons e reais serviços à população curitibana, mórmente às de bons recursos financeiros.

Dotadas de temperamento contrário, as professôras Mary e Elmyra completavam-se na execução do programa de ensino a que se propuseram a levar a bom termo.

Depois de muitos anos de eficiente labor, Elmyra retornou à sua pátria; Mary permaneceu em Curitiba.

Viveram unidas a maior parte de suas existências, lutando por um mesmo ideal — a instrução. Unidas foram na morte, pois faleceram entre os dias 9 e 10 de outubro de 1917: Miss Mary Dascomb em Curitiba e Miss Elmyra Kuhl, em Nova Iork.

Nestas páginas reverenciamos a memória das ilustres educadoras, como preito de saudade e reconhecimento.

NATALIA CORDEIRO

NATALIA CORDEIRO DOS SANTOS era filha de João Balduino Alves Cordeiro e de d.ª Amélia Garcia Rodrigues Cordeiro.

Nasceu a 25 de dezembro de 1898 em Paranaguá.

Como aluna distinta, estudou com os professôres Consuêlo Deslandes de Souza, Eleuzina Plaisant, Dr. Francisco Accyoli Rodrigues da Costa, Pedro Marques, Roberto Regnier e Brazílio Ferrari. Êste era professor de desenho e pintura. Natalina Cordeiro conquistou sempre nota distinta nos exames que prestou.

Lecionou como professôra adjunta no Colégio "D.ª Eleuzina", desenho e pintura.

Dedicando-se às letras, fêz-se poetisa. Não publicou livros, porém, colaborou no "Diário do Comércio", "Cruzada", "O Itiberê", todos periódicos de Paranaguá; "Sonetos Paranaenses", "Diário da Tarde", de Curitiba.

Era sócia fundadora do "Grêmio Miosotis", do qual fôra sua oradora até o seu casamento.

Natalina, bondosa e professôra dedicada, faleceu a 22 de novembro de 1918, na cidade onde nascera.

RITTA DE CÁSSIA

A professôra RITTA ANNA DE CÁSSIA foi a primeira professôra para meninas, do Paraná.

Sua escola, criada a 15 de outubro de 1827, começou, porém, a funcionar em janeiro de 1835.

Ritta de Cássia, inteligente e viva, possuia sólida cultura.

O exame por ela prestado a fim de ingressar no magistério, constituiu fato sensacional entre a pacata população dos longínquos 1834.

Reunida a Câmara, nomeou a banca examinadora. Era esta constituida do que havia de mais ilustre na vila. Para que a sala do Conselho Municipal pudesse acomodar a assistência ávida de novidade, foram derrubadas as paredes internas. Destarte a sala poude acomodar folgadamente a população interessada nêsse episódio inédito na terra.

Obtendo aprovação plena foi saudada pelos presentes, que se sentiram jubilosos em poder contar, daí para frente com uma educadora para as suas filhas.

Ritta de Cássia correspondeu à espectativa dos curitibanos, revelando-se boa professôra.

Lecionou até o ano de 1838.

SANITA ARANTES

SANITA ARANTES DOS SANTOS nasceu a 25 de janeiro de 1891.

Diplomada professôra, exerceu o magistério, qual missionária, pois Sanita foi das professôras que lecionavam enormes turmas de alunos, ao tempo em que não havia horário e programa de ensino.

Êste era orientado pelo critério do mestre.

Ela foi mestra e mestra de verdade.

Bondosa e compreensiva, encaminhou várias gerações no magnífico e esplendente caminho da instrução.

Sanita lecionou em várias escolas, inclusive na Capital, onde se aposentou.

Faleceu a saudosa educadora Sanita Arantes dos Santos, a 15 de abril de 1966.

Era casada com José Tiburcio dos Santos, funcionário público estadual.

SENHORINHA MARQUES SCHELEDER

D.ª SENHORINHA MARQUES SCHELEDER, espôsa do professôr Miguel José Scheleder, era filha do cap. João Gonçalves Marques Filho e de d.ª Ritta de Mendonça Marques. Tendo aperfeiçoado sua cultura e dotada de pendor para o ensino d.ª Senhorinha requereu e foi nomeada professôra.

Como em geral sóe acontecer com as mestras, D.ª Senhorinha viveu para a família e para sua escola. Sendo casada com educador, sua missão tornou-se das mais suaves pela compreensão mútua entre os cônjuges.

E' D.ª Senhorinha uma das pioneiras no quadro das mestras em nossa terra.

VISCONDESSA DO TIBAGÍ

D.ª CHERUBINA ROSA MARCONDES DE SÁ era filha do tenente José de Araujo e de d.ª Anna Maria da Conceição Sá.

Nasceu na capela curada do Tamanduá, Campos Gerais, no ano de 1794.

Como seu marido exercia a profissão de tropeiro, a mais rendosa da época, fazendo constantes viagens, D.ª Cherubina assumia a direção da casa com a firmeza e segurança, herdadas de sua mãe. Enquanto o

chefe da casa achava-se ausente a fazenda se mantinha em atividade e prosperidade. As roças eram plantadas e colhidas na exata época; o gado recebia conveniente trato; em casa produzia-se todo o necessário ao consumo doméstico e ao abastecimento dos agregados e peões, assim como tecidos e peças de roupas. Tudo era feito sob a direção da compreensiva dona de casa.

D.ª Cherubina fôra criada num honesto e bondoso lar, pois o pão de trigo era distribuido até pelos camaradas e escravos. A comida era temperada com manteiga feita em casa. Destarte, a bondosa senhora não podia consentir que seu lar fôsse menos farto de aquêle em que se criara.

Era econômica, sem ser usurária. Decorreu-lhe a vida entre o trabalho e os cuidados de mãe e de espôsa dedicada e compreensiva. Era ordeira por excelência. O seu contínuo labor para não comprar tudo quanto podia fabricar, visava não diminuir o pequeno capital com que o tenente José Caetano, seu espôso, girava.

À noite, aos sábados, ei-la rodeada dos filhos e dos escravos a rezar o têrço. Aos domingos iam à missa.

O seu marido costumava dizer: "Não sei se meus filhos devem mais a mim ou à sua mãe. Eu trabalhava; ela zelava os frutos do meu trabalho". Fazia-lhe justiça o bom, compreensivo e dedicado marido.

Trecho de uma carta de José Caetano ao filho, Conselheiro Jesuino Marcondes: "... chegaram os príncipes; visitaram minha mãe. A Princesa beijou-lhe as mãos, depois abraçou-a e beijou-a nas duas faces. O Conde d'Eu beijou-lhe a mão e, a exemplo dêle, o Presidente e o Chefe de Polícia. Imaginarás quanto nos cativou esta mais que extraordinária fineza, com que

a Princesa imperial deu um belo exemplo de respeito à velhice que se estima".

Por sua vêz, d.ª Cherubina dizia: "Tudo quanto a mim me fazem não é por mim, é por meu filho". Bendita modestia desta nobre e digna dama patrícia.

"... graças ao prestígio de virtude e da peregrina respeitabilidade que crescia com os anos daquela que foi um perfeito modêlo de **Mãe** brasileira" (O grifo é nosso).

A ilustre senhora viveu cercada de confôrto, carinho e respeito até o seu derradeiro momento.

D.ª Cherubina recebeu o título de baronesa a 4 de agôsto de 1858 e o de viscondessa com grandeza a 31 de agôsto de 1880.

Faleceu a distinta dama na Palmeira, a 6 de outubro de 1889.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Página

Abigail Côrtes 5
Ada M. Bruno Lôbo 6
Adelina C. Pinheiro 7
Alayde Tureck 8
Alba G. Plaisant 9
Alda Silva 10
Ângela Lopes 13
Amélia Carvalho 14
Anna Beja 15
Anna de Tamanduá 16
Anna Mendes Tenória 17
Anna Maria da Conceição de Sá 19
Dona Pety 21
Arthêmia Cruz 23
Baronesa do Serro Azul 24
Carolina Petrelli 25
Claudiana Maria 26
Clotilde Macedo 27
D.ª Côrdula Rodrigues França 29
Donatilla Caron 30
Elvira Paraná 31
Emília Ericksen 32
D.ª Colaca 34
Euthalia de Freitas 36
Chiquinha Ribas 37
Francisca Tureck 38

Página

Georgina Mongruel 39
Idalina Ribeiro 41
Isabel Branco 43
Leonídia Corrêa 44
Lucie Laval 45
Ludovica Borio 46
Lygia Carneiro 48
Margarida Kirchner 50
Margarida Maciel 51
Maria Ângela Franco 52
Maria Amélia D'Assumpção 53
Maria Cândida de Jesus 54
Maria do Carmo de Moraes Martins 56
Maria da Luz Ascenção 57
Maria da Luz Branco 59
Maria Euphrasia de Barros 60
D.ª Pequena 61
Maria Ritta F. de O. Bueno 61
Maria Rosa dos Santos 64
Maria Trevisan 65
Mariana Coelho 66
Mariquinha Aguiar 68
Maurina Bianchi 69
Mary Parker Dascomb 70
Natália Cordeiro 71
Ritta de Cássia 71
Sanita Arantes 72
Senhorinha Marques Scheleder 73
Viscondessa do Tibagi 73

Soc. Litorária Editôra
O PIONEIRO
Curitiba — Paraná

IP
CURITIBA

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
3 0112 122884585